

Na prática, a teoria é outra

TheObserver O que a disciplinada Alemanha aprendeu, ou não, com os percalços no combate à pandemia

POR PHILIP OLTERMANN, DE BERLIM

Em dezembro, duas semanas antes que a Agência Europeia de Medicamentos autorizasse o uso da primeira vacina contra a Covid-19 em toda a União Europeia, Berlim revelou um plano para disparar sua campanha de imunização com uma precisão de engenharia alemã. As injeções seriam aplicadas em massa em centros de vacinação construídos para esse fim, onde os pacientes seriam atendidos em pistas como carros em um lava-jato.

Uma exposição em Lego da eficácia do complexo sistema impressionou jornalistas em uma entrevista coletiva, mas disparou alarmes na cabeça de Janosch Dahmen, um ex-médico que se transformou em deputado do Partido Verde. “Tudo parecia muito lógico na teoria”, disse Dahmen, que trabalhou na linha de frente da pandemia até novembro. “Mas, olhando a coisa como médico, pensei: não é assim que as vacinações funcionam na prática. Você quer que sua avó receba uma ligação do médico que a trata há 20 anos e lhe diga para não se preocupar com os efeitos colaterais que ela ouviu falar no rádio. Os indivíduos não são carros.”

Três meses depois, a campanha de alarme toca forte o suficiente para a Alemanha inteira escutar. Na última

primavera, no início da pandemia, o país parecia um modelo de como enfrentar a ameaça viral. Conseguia conter os surtos graças a um alto índice de testes e um avançado sistema de rastreamento de contatos. Em meados de abril, sua taxa de fatalidade em casos de infecção por Covid-19 era inferior a 3%, comparada com 14% no Reino Unido e 13% na França, apesar de um *lockdown* mais suave do que em outros lugares no continente. Os níveis de aceitação das regras eram altos, assim como as taxas de aprovação do governo.

Mas, na sexta-feira 26, o chefe da agência de controle de doenças advertiu que o país rumava para uma terceira onda da pandemia que provavelmente seria a pior até hoje, enquanto o governo parecia perdido, sem respostas, dando meia-volta em 48 horas de um plano de *lockdown* mais rígido na Páscoa, sem oferecer restrições alternativas em seu

Há 15 anos no poder, Merkel, para muitos compatriotas, não sabe lidar com os desafios



lugar. A frustração é alta, com uma complexa colcha de retalhos de regras difíceis de acompanhar, emitida depois de videoconferências cada vez mais ríspidas entre Angela Merkel e os chefes dos 16 estados federados da Alemanha. Pior de tudo, a hipercampanha de imunização continua em primeira marcha: 90 dias depois que a primeira vacina foi administrada, só 10% da população recebeu a primeira dose, comparados com 12% no Reino Unido e 26% nos Estados Unidos. Até a França, antes considerada a mais demorada em vacinações da Europa, aplicou a primeira dose em uma parcela maior da população.

Por fora, a administração relativamente bem-sucedida da primeira onda da pandemia na Alemanha foi muitas vezes ligada à tomada de decisões sábia de sua chanceler, uma química quântica que explicava calmamente complexos cálculos científicos, enquanto outros líderes buscam metáforas militares. “A reação de Macron à



Momento delicado. Merkel se enrola com as medidas, enquanto uma minoria rejeita o lockdown

pandemia foi ‘Estamos em guerra’”, disse Andreas Rödder, historiador na Universidade de Mainz. “A de Merkel foi: ‘Lembrem-se de lavar as máscaras a 60 graus.’” Tanto as vitórias iniciais quanto o atual mal-estar foram mais facilmente explicados por fatores estruturais, prioridades culturais e um grau de sorte – bom em 2020, menos em 2021.

Quando a Alemanha impôs seu primeiro lockdown em 22 de março do ano passado, teve sorte de que o vírus ainda não havia se espalhado silenciosamente e entrado em residências para idosos. No país altamente descentralizado, a Covid-19 também se chocou com um sistema político que estava surpreendentemente bem colocado para enfrentar os desafios iniciais. A Alemanha tinha mais de 400 autoridades de saúde com experiência em dirigir esquemas de rastreamento de contatos. E uma rede competitiva de laboratórios de universidades regionais e privados deu

ao país um início rápido nos testes. “O federalismo alemão em sua forma atual pode ter sido historicamente desenhado como uma camisa de força para um Estado notoriamente agressivo”, disse Siegfried Weichlein, historiador na Universidade de Freiburg. “Mas é uma camisa de força popular. No máximo, como vimos no começo da pandemia, é um sistema dinâmico que pode levar a uma concorrência no topo e a uma capacidade média maior de aceitação das decisões políticas.”

A maior economia da Europa demonstrou, no entanto, para administrar as doses que possuía, injetando vacinas em um ritmo mais lento que o de outros 13 países do continente. O estoque alemão de imunizantes não utilizados cresceu para 3,5 milhões neste fim de março, parcialmente, mas não somente, porque o Ministério da Saúde insistiu em guardar entre 20% e 50% para a segunda dose, dependendo do

fabricante. Em alguns casos, a campanha viu as vantagens do federalismo se transformarem em desvantagens. A cidade de Wuppertal, no oeste do país, anunciou na quarta-feira 24 que possuía 2 mil doses não usadas da vacina, pois tinha acabado de inocular todos os moradores com mais de 80 anos, mas foi impedida de seguir adiante para o próximo grupo etário pelas autoridades da Renânia do Norte-Vestefália, que queriam que o estado inteiro caminhasse em sincronia. Longe de ver uma corrida ao topo, o programa de imunização tinha criado um cenário em que “os atrasados estão definindo o ritmo”, como disse o chefe da força-tarefa contra a crise na cidade. “Se você estiver lidando com um paciente sangrando ou com uma pandemia, a velocidade é inimiga da perfeição”, disse Dahmen a *The Observer*. “Na Alemanha, tentamos reinventar a roda com o programa de vacinação, aperfeiçoar um sistema antes de colocá-lo em prática. Esse tipo de precisão está se tornando um problema sério.”

O pragmatismo cauteloso serviu bem a Angela Merkel durante a maior parte de seus 15 anos no poder. Mas entre um público 90% não vacinado, muitos clamam agora por uma liderança mais ousada. ●

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves